

P O E S I A
N A S A L A
D E A U L A :
L E I T U R A S
D E
" O N A V I O
N E G R E I R O "

Ronaldo de Oliveira Batista
Alexandre Huady Torres Guimarães
Organizadores

A poesia na sala
de aula: leituras de

O NAVIO NEGREIRO

P O E S I A
N A S A L A
D E A U L A
L E I T U R A S
D E
" O N A V I O
N E G R E I R O "

A P O E S I A
N A S A L A
D E A U L A
L E I T U R A S
D E
" O N A V I O
N E G R E I R O "

 Editora
Mackenzie

Ronaldo de Oliveira Batista

Alexandre Huady Torres Guimarães (in memoriam)

ORGANIZAÇÃO

A poesia na sala de aula

leituras de "O Navio Negreiro"

Apresentação

A apresentação do livro *A poesia na sala de aula* – leituras de “O Navio Negreiro” nos remete ao transcendental aspecto da “pluridiversidade gnosiológica“, ou seja, ao conhecimento da origem da semente que fez brotar, desenvolver e dar os frutos na mente e alma que produziu os poemas e demais escritos do extraordinário poeta gondoleiro.

Nasceu Antonio Frederico de Castro Alves, em 14 de março de 1847, na fazenda Cabeceiras, distante várias léguas de Salvador, na Bahia, antiga capital do Império brasileiro e grande centro escravagista, onde a população negra escrava era muitas vezes superior à da branca escravagista (ALMEIDA, 1960, p. 13-14). Em sua primeira infância e tendo seu pai enviuvado, foi o vate cuidado por sua ama de leite negra de nome Leopoldina, recebendo de seu irmão José o apelido de “Secéu”. Seu pai mudou-se com a família para São Pedro de Muritiba, bem mais próximo da capital Salvador.

Pedro Calmon (1947, p. 42) relata que Castro Alves era muito apegado à sua mãe de criação, a doce negra Leopoldina, “a mucama que acalentou-o ao som das cantigas, trouxe-o ao colo e lhe transmitiu, com o leite e o sorriso, com carinho e a lágrima, toda a melancolia da senzala”. E, mais adiante: Castro Alves “não esqueceu mais a doce Leopoldina, companheira generosa de seus medos infantis, complemento da mãe verdadeira, esta doentia e mais distante, que lhe deu as lições iniciais, sobre a vida, as dores que a entrançam, as desigualdades humanas, o mundo à volta” (CALMON, 1947, p. 43. E ainda: “Leopoldina, lembrada no poema ‘A mãe do cativo’, esconde-se na sua hu-

mildade sem revolta e sem amargura, balançando a rede onde dormia o ‘triste menino’...” (CALMON, 1947, p. 46).

Não por acaso, anos após, em 1861, Castro Alves, ainda com 14 anos, registrou no poema “A canção do africano” a estrofe inicial “Na senzala úmida, estreita, brilha a chama da candeia, no sapé se esgueira o vento e a luz da fogueira atea”.

Sua personalidade, pois, foi formada entre a rejeição à escravidão e o amor à sua mucama. Toda a trajetória de vida embebida da luta pela liberdade daqueles iguais à sua Leopoldina oprimidos e explorados.

Adquiriu sólida cultura não só transmitida por seu pai, mas sobretudo pela dedicação aos estudos que fizera no Ginásio Baiano, com participação intensa em movimentos sociais organizados pelos estudantes e produzindo seguidamente poemas de liberdade que declamava em eventos públicos ou mesmo em saraus.

Fascinado pela talentosa artística portuguesa Eugênia Câmara de grande fama em excursão pelo Brasil e com passagem por Recife, onde se encontrava já Castro Alves matriculado no segundo ano da Academia de Direito, decide o poeta, acompanhando sua amada, mudar-se para São Paulo onde, com a ajuda de seu conterrâneo Ruy Barbosa, matricula-se no terceiro ano da Academia do Largo de São Francisco.

Em São Paulo, aloja-se na então famosa “república dos baianos”, na rua da Glória, próximo ao largo de São Gonçalo, hoje denominada praça João Mendes, onde, entre outros baianos, estava hospedado Ruy Barbosa, outro paladino da liberdade, que a decantava em prosa. Ruy, político praticante e que anos mais tarde se tornaria senador do Império e depois da própria República pelo estado da Bahia, o conduziu à Loja Maçônica América, onde já pontuavam grandes figuras abolicionistas como os irmãos Américo e Bernardino de Campos, Américo Brasiliense, Rangel Pestana, Luiz Gama, Joaquim Nabuco, entre outros (cf. CÂMARA, 2009, p. 222-223; 2010, p. 67). Nessa mesma Loja Maçônica, Castro Alves, com entusiasmo, apoiou o projeto apresentado por Ruy no sentido de ser criada uma escola de alfabetização para as crianças filhas

de escravos, o que foi aprovado à unanimidade num conjunto de mais de 140 membros, tendo sido, efetivamente, instalada na rua 25 de Março no centro da cidade de São Paulo.

Desde sempre, Castro Alves esteve empenhado na causa da liberdade.

Escrevendo ao amigo Augusto Alvares Guimarães (cf ALMEIDA, 1960, p. 137-138), relata seu entusiasmo com o término da composição de “Escravos” como ele mesmo diz:

Eis-me em São Paulo, na terra de Azevedo, na bela cidade das névoas e das mantilhas, no solo que causa Heidelberg com Andaluzia... Nós os filhos do Norte (consente esse norte: sabes que é palavra relativa) sonhamos São Paulo o oásis da liberdade e da poesia plantado em plenas campinas do Ipiranga.

E, mais adiante,

Depois permite que te pergunte se recebeste o livro sobre a Escravidão. Mandeio levar pelo Alseman (assim pronuncia-se pelo menos o nome dele), que foi para a Bahia no dia posterior ao recebimento de tua carta. A propósito do livro, conversamos. Devo dizerte que os meus “Escravos” estão quase prontos. Sabe como se chama o poema? (Devo a São Paulo esta inspiração). Acaba no alto da serra de Cubatão, ao romper da alvorada sobre a América, enquanto a estrela da manhã (lágrima de Cristo pelos cativos) se apaga pouco a pouco no ocidente. É um canto do futuro. O canto da esperança. E nós devemos esperar? Sim e muito sempre [...] Mais tarde dar-te-ei a explicação deste enigma das minhas crenças. Entretanto, trabalha! Talvez em breve possas fazer muito pela nossa ideia (ALMEIDA, 1960, p. 137-138).

Tal carta e comentários foram observados também por Pedro Calmon (1947, p. 183).

Estavam aí, mais uma vez no germe do pensamento do poeta, os momentos de sua infância e na lembrança de sua “mãe” adotiva a doce escrava Leopoldina.

É, pois, Castro Alves, o gênio produto de seu tempo! O talento invulgar, a

invulgar cultura clássica, a realidade de uma teia epistemológica que se entrelaça entre o “ser” e o “dever ser” (do jus-filósofo argentino Carlos Cossio), o “revolucionário” talentoso que assume a postura política no poema “Ao Dous de Julho”, sobre a Revolução Baiana, declamada pela primeira vez no Teatro de São João, em Salvador, Bahia, em 1867 (cf. HADDAD, 1960, p. 48-51), no “Oitavas a Napoleão” (HADDAD, 1960, p. 88-89), ou “Ao Dia 7 de Setembro” (HADDAD, 1960, p. 422-424) e, por óbvio, no “O Livro e a América” por ele declamado no “Grêmio Literário” em Salvador, Bahia (HADDAD, 1960, p. 31-34), ou também, em “Quem dá aos pobres empresta a Deus”, apresentado esse em Salvador a 21.10.1867 (cf. RIO DE JANEIRO, 1947, p. 25), para trazer a lume apenas cinco exemplos clássicos de sua veia sociológica-política que utiliza como instrumento político à comunicação poética.

Diz Pedro Calmon (1947) que o ambiente político na São Paulo de Castro Alves era efervescente e do qual o vate participava ativamente até mesmo como orador solicitado para alguns momentos.

A política, o abalo nacional produzido pela guerra [nota nossa: Guerra do Paraguai onde os negros escravos foram enviados com a promessa de liberdade e cognominados ironicamente de “voluntários da pátria”], a evolução das influências, do satanismo da década anterior para reação democrática, o irredentismo liberal, relegaram para o plano histórico, das curiosidades da Academia, a antiga atitude de desatino sistêmico: os rapazes pareciam agora mais velhos, precocemente cívicos (CALMON, 1947, p. 178).

E, mais adiante, Pedro Calmon (1947, p.181) descreve o cenário de atuação do poeta-político: “Os estudantes tomaram a peito a causa da oposição. Em 22 de Julho o ‘Ateneu Paulistano’ os convocou para uma grande sessão de desagravo”. Falaram Joaquim Nabuco, Ferreira de Meneses, Castro Alves. A descrição de Campos de Carvalho é perfeita: Antes de recitar a ode notável sobre Pedro Ivo, dirigiu (Castro Alves) uma alocução, da qual ainda nos lembramos do seguinte trecho: “Senhores! Alvares de Azevedo outrora atirou as suas estrofes no tapete de um rei, pedindo a vida de um herói: eu rodo as minhas no coração da

mocidade, pedindo-lhe o óbulo da imortalidade para o filho da realeza”.

Evidenciando a personalidade política de Castro Alves, Pedro Calmon (1947, p. 184) observa:

O panfletário dissolve-se no poeta das forças cósmicas, o pintor dos panoramas imensos se confunde com o lírico das toadas marinheiras, e por fim é o tribuno que perora, patético, transfigurado, soberbo, dialogando com o Senhor dos mundos, a bandeira nacional e os santos fantasmas.

O vate baiano, revolucionário, já ampliando seu horizonte político, era o poeta da liberdade política da Bahia, dos escravos negros, da emancipação das mulheres, pelos direitos civis!

Eis aí algumas pinceladas sobre a “pluridiversidade epistemológica” da figura de Castro Alves sem as quais não se poderia entender o gênio.

Mas o seu clássico “O Navio Negreiro”?

Ah, nesse monumento poético Castro Alves se consagra não só pela perfeição da forma, mas sobretudo pela perfeição da mensagem política-abolicionista!

Sobre isso, tantos luminares de nossa cultura por nós falarão. Vejamos em *Castro Alves – Poesias escolhidas* (RIO DE JANEIRO, 1947, p. 446-449): Lúcio de Mendonça, Castro Alves e Gonçalves Dias (Raimundo Bizarria, Trechos de Língua Vermelha) (RIO DE JANEIRO, 1947, p. 53): “Não conheço, na obra poética de Gonçalves Dias, nada superior, ou sequer igual, aos bons fragmentos dos Escravos, como as Vozes d’África, o Navio Negreiro” (RIO DE JANEIRO, 1947, p. 447) ou, Ronald de Carvalho, “O espelho de Ariel” (RIO DE JANEIRO, 1947, p. 180): “Quando, porém, sua voz se elevava para reivindicar direitos oprimidos, como no Navio Negreiro e em Vozes d’África [...] sua musa era bem um Incêndio em Marcha para usar uma expressão de Michelet” (RIO DE JANEIRO, 1947, p. 448).

Ruy Barbosa que com ele conviveu na grande intimidade, anos após, em conferência intitulada “Elogio de Castro Alves” (obra citada, p. 23-24), sentenciava:

A voz do poeta projeta ao longe a sua sombra sinistra esse quadro tétrico do Navio Negreiro, necrópole flutuante, onde os sepultados “Nem são livres pra... morrer”; onde o látego mede a uma coreia de fantasmas vivo a cadência de uma dança inaudita, e em torno do qual o mar parece perder-se num círculo infinito de gemidos ... A exclamação shakespeariana prorrompe de todas as almas: “ Pois os céus puderam presenciá-lo, sem se abalarem” (“Did heaven look on, And would not take their part? – Shakespear: Macbeth, IV, III, 223).

E, prosseguindo, ”O patriotismo chora nos olhos do poeta ...”.

Novamente Pedro Calmon (1947, p. 184):

O panfletário dissolve-se no poeta das forças cósmicas, o pintor dos panoramas imensos se confunde com o lírico das toadas marinheiras, e por fim é o tribuno que perora, patético, transfigurado, soberbo, dialogando com o Senhor dos mundos, a bandeira nacional e os santos fantasmas.

Castro Alves foi o maior protagonista político-poético de nossa história e não só de seu tempo

“Animal político” no sentido aristotélico, que se expressava erudita e eloquentemente pelo poema sempre em defesa da liberdade, em todas as tribunas que a vida lhe ofereceu, como no Templo Maçônico, na Academia de São Francisco, nos salões literários, no teatro (Teatro São José em São Paulo com Eugênia Câmara) e na praça pública (“[...] a praça é do povo como o céu e do condor...”).

Foi ele, mais do que qualquer outro, o poeta da liberdade. Liberdade dos pronunciamentos revolucionários

“Aquela poesia revolucionária tivera enfim a sua oportunidade: dir-se-ia a nova ‘marselhesa’” (CALMON, 1947, p. 182).

Liberdade nos pronunciamentos revolucionários, a liberdade política-liberal contra a escravidão, pela emancipação da mulher (“Carta às Senhoras Baianas”), pela República e pela integração do Brasil no concerto das nações.

Não por acaso o mesmo Ruy (obra citada, p. 27) asseverou:

Ora a revolução, no livro de Castro Alves, é o extermínio, não de uma só, mas de ambas as tiranias filhas da metrópole a do europeu, sobre o americano e a do branco sobre o negro. São duas causas irmãs, que ninguém separará mais.

Jamil Almansur Haddad (1960, p. 16) foi mais longe: “Se Castro Alves encarnou a Revolução política, simbolizou, com a mesma vivacidade, a Revolução Social”.

Na “Carta às Senhoras Baianas” Castro Alves alude às mulheres ilustres do século: George Sand, Mme de Stael e Harriet Stowe, concluindo “Sois filhas desta magnífica terra da América, pátria das vitórias, região criada para a realização de todos os sonhos de liberdade. De toda a extinção de preconceitos, de toda conquista moral” (apud HADDAD, 1960, p. 19).

Em “O Navio Negroiro”, que antecedeu em poucos dias o “Vozes d’África”, seu complemento perfeito, como vimos, representa o amálgama completo de sua personalidade revolucionária dos costumes e pelo sentido maior da liberdade!

O presente livro que tem como mote o poema “O Navio Negroiro: tragédia no mar” do “Vate Baiano”, da responsabilidade de ilustres professores da Universidade Presbiteriana Mackenzie e de outros centros universitários e educacionais, cada qual, a seu modo, apreciando com proficiência diversos aspectos dessa obra poética, representa notável contribuição da Universidade ao conhecimento de seu corpo discente e, porque não dizê-lo também, de seu corpo docente!

Com orgulho e honra faço esta Apresentação

Nelson Câmara

Presidente da Academia Mackenzista de Letras

Referências

ALMEIDA, Norlândio Meireles. *Cronologia de Castro Alves*. São Paulo: Ed. D. Pedro II, 1960.

CALMON, Pedro. *História de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1947.

CÂMARA, Nelson. *Escravidão nunca mais*. São Paulo: Lettera, 2009.

_____. *O advogado dos escravos, Luiz Gama*. 2. ed. São Paulo: Lettera, 2010.

GUIMARÃES, Augusto Alvares. *Cronologia de Castro Alves*. São Paulo: Ed. D. Pedro II, 1960.

HADDAD, Jamil Almansur. *Poesias completas*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1960.

RIO DE JANEIRO. Ministério da Educação. *Castro Alves – Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.

Xerum into cus eic tectenetur, optatem volende llorpor eriatecabo. Ut offictem res atempor moluptatio is ape volore cum quam nimus.

Il ipsam, alis et lab is estem voluptate quiae praturepelis aut estia alitae vestio. Parit qui repudae poreria alitibus aliquid ucidunt maximaiossin perio el ipiciliae quiberia cus aut abor molorro rrumquo ma dolorem ilist faccust qui nisti dolorum alicium fugiam re et, quo odi tectend igenia porro ipsunditent.



Editora
Mackenzie